

m i a u

PORTO, 1916



A. RIBEIRO DOS SANTOS  
MÉDICO

187

4250

# miãu!

Porto, 21 de janeiro de 1916

Redação e Administração:  
Rua 54 da Bandeira, 130-2.º — Telefone 1655.

PROPRIEDADE DA EMPRESA  
**MIAU!**

EDITOR: Mário d'Alvares  
Composição e Impressão: LITOGRAFIA NACIONAL  
Rua de Malmereadas, 20—Porto.

## O incendio de Lisboa



Quarenta mil portugueses que, se quizerem ir para a guerra, tem de ir em pelotas!

Desenho de Leal da Camara



REDAÇÃO  
GUEDES DE OLIVEIRA  
M. MONTERROSO  
LEAL DA CAMARA

Libre-parola  
**MIAU!**

Os tempos são de reclamação e protesto. Contra os erros sociais reclamam os povos. Contra os erros dos povos reclamam as classes. Contra os erros das classes reclamam os homens. Contra os erros dos homens reclamaremos nós. **Miau!**

**Miau!** será ao mesmo tempo uma expressão doce e uma ameaça forte. Para dizer o que quer, o homem instala Berrões em toda a parte, e onde quer que haja um primeiro andar para uma taboleta. Para dizer o que quer, elle funda escolas, publica livros, alinha dicionários, põe a cabeça em agua ao sr. Adolfo Coelho, faz queimar as pedras ao sr. Cândido de Figueiredo, atormenta sem piedade o sr. Antonio Barradas, e enfim, e para o mesmo effeito, serve-se de um complicadissimo son articulado a que dá o nome de palatário e lêna-o a um tal requinte de complicação que milhões de homens não se entendem com outros milhões de homens, e ás vezes mesmo—de mi/hes-res.

Num intuito de variar, e porque isto é frequente, adiciona aos sons articulados um maior esforço de garganta, escolhe para dizer coisas amorosas o que elle designa por um tenor; para as grandes maledicções um bariton; para os actos volens um basso, e chama a isto tudo arte, podendo chamar-lhe assobio. E entretanto,—sejam isto!—com este simples grito: **Miau!** pode dizer-se tudo quanto se de se, comprehendem-se os intuitos da nã distant nacionalidade e raça, exprimir-se as confidencias de um amor irresistível ou os desesperos de uma dor de cotovello, um sermão de encontro ou os bons dias a um esgarap; a suprema ternura ou a superno odio. E tudo isto, como?

Sem conselhos orthograficos da senhora D. Carolina Michaëlis;  
Sem tradições do sr. Mello Barreto, Sem glossarios interpretativos do sr. Julio Dantas;  
Sem escrupulos de fórma do sr. Antonio de Figueiredo;  
Só e simplesmente, fazendo ouvir este grito: **Miau!**

**Miau!** não é porém aquelle gato que papa o rato, que rõe o sebo, que unta a corda, que amarra a boia, e se propõe, depois de todo esse cuidadoso trabalho, levar religiosamente o ninho é Ribeira Moia. **Miau!** é uma voz,—vox clamantis in deserto, para que assim nos exprimamos em bom e leal estrangeiro. Mas é uma voz que nem depois de Janeiro afrouxará, seja no grito estridente do alaque-seja na doçura mofinosa do smorzando. E o que reclamamos nós?  
Tudo!  
Tudo, menos mais impostos.  
Menos mais anexas.  
Menos mais empregos.  
Menos mais tentativas de restauração monarchica.  
Menos mais revoluções armadas.  
E depois, e sempre:—  
Juizo!  
Bom senso!  
Moderações de appetite á gamella do Estado!

Recepto pela pelle do contribuinte!  
E o bacalhau a tres vintenos que nos prometeram, pois que o prometido é devido.



**Miau!**  
Suppoz-se que elle se não faria ouvir. Erro profundo! Adlar não é capitular. Retardar não é desistir. Nem por muito madrigar se mia mais côdo. Tudo tem o seu tempo proprio. O inverno é para os theatros. A primavera para as flores. E o outono para as praias, como o calor para as moscas. Assim, Janeiro é o mez por excellencia para miar, como maio para

discursar no parlamento. O miar de Janeiro como o discursar de maio, são manifestações de uma crise. Entre as duas porém, mais do que um telhado—há um abismo.

Ouvir: **Miau!** em Janeiro é conhecer a manifestação de uma grande força, diante da qual se pode dizer que tudo são pelo pé do gato. Mas passará Janeiro e os senhores continuarão a ouvir: **Miau!** Os mezes rotário, compostos de semanas, as semanas de dias, os dias de horas, as horas de minutos, etc.—tudo como bem diria o padre Antonio Vieira,—e vossas excellencias continuarão, uma vez e sempre a escutar o mesmo grito: **Miau!** **Miau!**

Enfim, elle ha de acompanhá-los nos ouvidos, como a sombra acompanha o corpo e o sr. Urbano Rodrigues acompanha o sr. dr. Afonso Costa. Por vezes hão de ter vontade de dizer: **Sápe!** Mas de nada lhes servirá, porque por muito que perguntem: onde está o gato?—nada mais ouvirão do que esta voz:  
**Miau!** **Miau!** **Miau!**

G. de O.

Resolvet-se a Inglaterra.  
E emfim! obriga ao serviço  
O branco, o negro, o mestiço,  
A vér se tira o feitiço  
A esta coisa da guerra.  
Conta vencer co' essas gentes  
De alguns milhões de soldados,  
Todos valentes,  
Todos fardados...  
Mas entretentes,  
Diz-se que poupa os casados.  
De ahí berreiro,  
Indignação,  
Irritação,  
Pelo que muito artilheiro  
Já grila, ordeiro,  
Mas com toda a pontuação:  
—O quê? O homem solteiro  
Não sempre co' a obrigação?!



Ao que respondem do lado:  
Claro que não,  
Sem intrusão!  
O que está acvriguado,  
É e bem notório,  
Bem comprehendido,  
Que só o homem casado  
Tem serviço obrigatorio!



E, sim senhores,  
É isso.  
Só os bons atradores  
Satisfazem ao serviço.  
—O resto, são amadores...

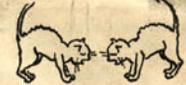
Desenho do Leal da Camara

CONTOS ESTREITOS

As Peugas

A GUEDES DE OLIVEIRA

O sr. Victor Guedes diz a proposito da exportação dos generos alimenticios que «o azeite, a batata e a cebola não devem pagar sobretaxas superiores a meio centavo, e o vinho deve ser livre.» Ora graças a Deus que ha quem ponha as coisas no seu devido pé. Sobre-laxar o vinho seria uma verdadeira invasão de atribuições, visto ser elle que proporciona aos amadores as melho-res sobretaxadas.



Era uma vez, eu lá passando serenamente pelo Rocio com um embrulho na mão, quando encontro o meu amigo macambuso.

—Onde vai? me pergunta elle com o seu ar triste. O que leva ahí embrulhada?

—Não tenho segredos para si, lhe respondi eu Como lencionia passar o resto da noite em companhia d'uma senhora, minha socia n'esta empresa de ir passando a existencia, levo aqui alguma roupa branca, umas peugas...  
—Umas peugas! Não faço tal, meu amigo. As peugas são o peor veneno contra o Amor. E pouco importa que sejam de seda, de fio de ouro ou de ás ricas, ás pintas ou de uma cor só. Todas ellas igualmente matam o Amor. Eu tambem fui como o sr. Tambem amei e vivi e de resto,—dillo o poeta—podesse lá viver sem ter amado algum. Pois, enquanto mudei de roupa em casa da minha familia, fui feliz e fui amado. Um dia, porém, cometi a imprevidencia de consentir que as minhas peugas fossem para a lavadeira aquella que eu amava. Foi o principio do fim. Atraz das peugas, foram os lenços, foram os punhos, foram os collarinhos. Comecei a trazer roupa de casa. Trouxe um *pañufo*, trouxe um casaco á ventada e um terno combebebe que já não amava e já não era amado. O amor transformára-se na casa e puzo-rinho, linham-se baralhado os nossos baldios e, como sabe, o amor vive de fome e mores de sociedade. O ninho dos meus prazeres transformou-se n'uma repartição com ponto e sem feriados. Ás vezes perguntava piagiosamente: —«Que estive fazendo duracão de dia, meu bem? — E a que fôrta o meu bem respondia-me seccamente: — Este a tratar das tuas peugas». As peugas eram uma grilheta.

Uma tarde dissemos improprios um ao outro. —«Acabou-se tudo» bradei eu e sahi pela porta fora. No dia seguinte recebi uma trouxa e uma carta —«Miseravel! Tudo acabou entre nós. Remetto-lhe a roupa e prohibo que torna a pôr os pés em minha casa. De resto já não amo outro». E n'um *post-scriptum* elle acrescentava: —«As peugas não vão porque estão na lavadeira. Pode mandalas buscar d'aquí a quatro dias». Passsei quatro dias a scismar qual seria o outro que ella amava e, quando calcuei que as peugas estivessem de volta, serviram-me de protejo para lenhar saber novidades. O moço que mandei trouxe-me recado de que as peugas não podiam vir porque a senhora ha quatro dias estava de cama. De cama! Doente! Sem duvida por minha causa! Corri a vê-la. Encontra-la, deitando as cartas e asso-biando a *Vassourinha!* Foi tal a minha comocão que cahí de cama... com ella e assim ficamos quarenta e oito horas, n'uma serie de reconciliações, reciprocas entendidas de reconciliações. A vida recommecou para voltar d'aí a pouco a ser intoleravel. Chegou outro ensejo de rompimento e, como a lavadeira vinha ás segundas-feiras, esperi por uma quinta para a grande scena. A roupa devia estar toda em ordem. Disse tudo quanto me veio á bocca e terminei bradando: —«Quando quizer faça o embrulho das peugas...». «Impossivel, me respondeu ella. Lem o mau tempo esta semana não veio a lavadeira». Renunciei definitivamente á liberdade. Conhece, meu amigo, aquella historia do rei que estava doente e, que, para se salvar, linha de vestir a camisa de um homem feliz? Indagáram, correram todo o reino e, quando apoz mi conceiras e trabalhos, descobri-ram um homem feliz, viram que elle não linha camisa. Poise, lique certo do que lhe digo: se alguma vez encontrar um amante feliz, repare bem. Ha-de verificar que o feliz não usa peugas.

De Victoria em Victoria!



Em Liège!



No Marne!...



Em Neuve Chapelle!...



Na Champagne!...



Na Alsacia!...



Em breve, em toda a parte!...

ANDRÉ BRUN.

Desenho de Gallo





As companhias teatraes, Em que Lisboa é peralta, Vem dar-nos peças genitas Sempre que a massa lhes falta.

Em mais ou menos semana Não tardará, salvo seja, Vemos a Soror Marianna E mais a Freira de Beja.

E' muito. A vida vai má. Dividam a coisa, — e Ou Soror Marianna lá, Ou Freira de Beja aqui.



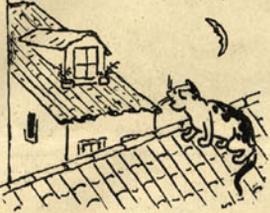
O conde de Sabugosa, Que é um genuino fidalgo, Botou um livro de prosa Chamado elle gente de algo.

Fica-se a gente que lê Nesta grande confusão: Gente de algo? De algo qué? Com certeza de algo... dão.

Desenho de M. Monterroso



PELOS TELHADOS

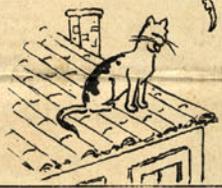


Janeiro. Frio damnado. Dôr de dentes. Re-nhas-nhau! Deu meia-noite ha boçado. Nem um triste carapau, Nem a malteza do lado.

Mas que vejo? Na trapreira Onde hoje houve um casamento, N'aquela casa fronteira, Ha discussão d'espanto Entre os noivos. Que inferneira!

Elle, deitado na cama, Chama, em ar de compaixão, Para o leito a sua dama, A qual, em fraida, no chão, Barafusta, grita e brama.

Vou chegar-me, sem tardança, Mais á beira do telhado A ver se escuto a festança, Que de certo vai dar brado Alarmando a vizinhança.



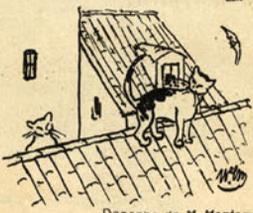
Diz ella toda escamada: «Senhor Carneiro Vianna, Não me chamo que me enfada! Eu sou vegetariana, De Carneiro... não vae nada!

E elle, sempre a chamar, Não succumbe, nem embaça Ante a noiva que, a berrar, Lhe diz, em tom d'ameaça, Que se vae divorciar.

Mas ella não tem razão. Se aos legumes deu primeiro A sua predilecção, Não casasse co'o Carneiro, Casasse antes co'o Feijão.

Calculen que disabores Vão passar-se, com certeza, Entre aquelles dois amores!... — Mas chega, emfim, a malteza, Boas noites, meus Senhores.

Max.



Desenho de M. Monterroso

A senhora D. Albertina Paraiso, fundadora do Instituto de «Arte e Ménage» (vamos falando portuguez) declarou a um redactor do Dia que o sr. Raul Lino lhe havia sucommendado, entre outros, um mobiliario de Evora — para uma salinha de estar. São, ao que parece, duas coisas muito praticas, porque quer o mobiliario, quer a salinha, tanto servem para estar como para não estar.

Logica

Desenho de A. Basto



—A Grecia... os gregos... que attitude incoherente... —Coherente, caro senhor, coherente: elles veem-se gregos.

Chroniche della guerra

Ancona, fra le diece e le undice.

Miei felini amici:

Il grande maestro Jovach, supremo regente della orchestra Universale, vedendo che tutta la sua tropa fandanza si aveva fatto wagneriana senza scienza ni concienza, e che tutto in questo mondo anda horribilmente desalfinato, ha mandato chiamar il suo rival irconciliabile, Satanazo, e con tutto il suo maestoso potere lui ha detto:

«— Figlio patavio delle Tenebre (perché infelicemente siete mio figlio legittimo come tutti i malandrin humani!) sono molto escamato con il Mondo che ho fatto criare espressamente per li «Padre Adamo! Sopra tutto, quella razza «maladetta dei bipede, chiamata nomiti, è insuportabile con il suo orgoglio ed è il suo miserabile egoismo!

«Voglio, poi, riposare un poco e durante tre anni dopongo in vostre diaboliche mani la mia divina batuta! Avele carta bianca per fare lo che volete: intrujate l'humanità con tutta la vostra «diabolica sabetza: distribuite i pomi «della arbore della scienza, che ho portato del mio vecchio Paradiso e che fu «la causa del trambragione del imbecille «Adamo, a quanti malandri idioti voi «troverete; dite a tutti quanti che vi cercare, che il migliore mezzo di vivere in «uno eterno dolce far niente è rubare i «suoi ingenui simiglianti e salutare i «grandi ladri ed i magrifichi patiti.

«Adesso, mio pandego, approfiteate l'occasione e fate come un vero diavolo, perché non tornerò giamai a darvi questo potere!»

Satanazo, dopo questa divina parlenda, ha fatto un allegro scriglio con la coda e envergando un suo fatto diplomatico si fu andato in Allemagná, convidando il suo caro amico Kaiser per suo aller ego in questo disgraziato Mondo. Quello ha acettato, ed ecco il principio di questa maladetta guerra!

Amici miei: sono arrivato al fine principal di queste mie lettere.

D'ora avanti vi manderò, di otto in otto giorni, novelle freschigne e originale del negregato conflitto.

Come Dio ha mandato il diavolo nella figura del Kaiser a fare questo infame stardagiassio per nostro castigo, la mia Italia, terra di tanti santignis milagrosi e del magnifico macarroni, sarà la prima in mettere i tempi dentro alla hipocrita Austria; dopo atacará il centro della façaguna e fanfarrona Allemagná; e per fine, con l'ajuto di tutti gli alliatí, penetrará, valentemente per la retaguarda della falsa e magnoza Turquia.



Per tutto questo bastara essere alla frente del nostro esercito il grande e formidabile general Porro, militare di avanti cassare che forosce, che tutto levará di anti di sua poleznia; ed io, che bene conosco (ma non intimamente) il bravo generale, vi posso garantire che solamente il valente Porro — potrà terminare questa nefanda guerra!

Vostro amico idolatrato,

NAPOLEONE MALAPARTE.

Desenho de Leal da Camara

O proximo numero 2 do MIAU! será inteiramente consagrado á VIAGEM PRESIDENCIAL.



miau!

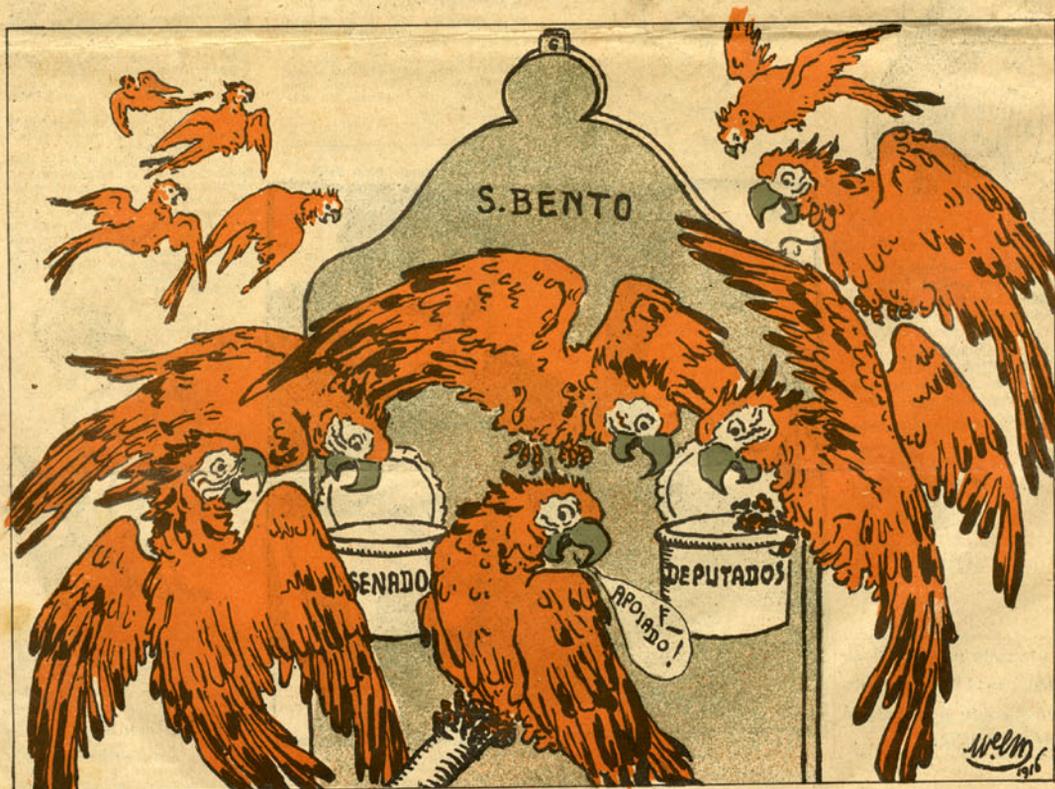
## Pobre Servia!



Os povos tornam-se grandes à força de soffrer!

Desenho de Leal da Camara

## A casa do Verbo!...



Está aberta a sessão!...

Desenho de M. Monterroso